



## **CIDADE E MEMÓRIA: a ressonância dos patrimônios em Teixeira de Freitas, Ba**

Priscila Santos da Glória<sup>1</sup>

### **RESUMO**

O presente texto é um relato de experiência do projeto de pesquisa e de extensão “Patrimônio, Cidade e Memória: história e cultura em Teixeira de Freitas” que vem desenvolvendo pesquisas no âmbito do patrimônio desde 2013 no campus X da UNEB. O projeto foi pensado a partir dos questionamentos sobre a existência de uma história, memória e identidade da cidade de Teixeira de Freitas, e conseqüentemente da possibilidade do reconhecimento de patrimônios. Estes questionamentos surgem da dificuldade de encontrar e ter acesso a documentos escritos sobre a cidade e os seus sujeitos, então buscamos na metodologia da história oral um caminho para encontrarmos os rastros destas histórias, e através das memórias dos sujeitos cidadãos reconstituímos traços da história e da memória da própria Teixeira de Freitas. Utilizamos os estudos de Pierre Nora (1993), Michel Polack (1992), Sandra Pesavento (1995, 2007), Yara Houry (2000), José Reginaldo Gonçalves (2005) e Olgário Vogt (2009) como fundamentação teórica destas análises que não encontraram uma única história e memória, mas muitas memórias e histórias sobre a cidade, seus sujeitos e patrimônios.

**Palavras-chave:** Cidade, Memória, Patrimônio, História

### **INTRODUÇÃO: TEIXEIRA DE FREITAS, UMA CIDADE SEM HISTÓRIA?**

A cidade de Teixeira de Freitas está localizada no extremo sul da Bahia, sua emancipação data do ano de 1985 (GONÇALVES, 2012), antes localidade pertencente às cidades Alcobaça e Caravelas. Teixeira se apresenta com uma cidade nova, com uma infraestrutura problemática, no que diz respeito a asfaltamento das ruas, saneamento básico, transporte público, entre outras. A cidade é praticamente um “canteiro de obras”, como se diz por lá, muita coisa ainda por ser feita quando o assunto é urbanização.

Como docente do curso de História da Universidade do Estado da Bahia, campus Teixeira de Freitas, pude perceber as angústias dos discentes quando tratamos da história regional e local do município e localidades circunvizinhas. É muito comum ouvirmos dos estudantes que “Teixeira não tem história, nem cultura, nem identidade<sup>2</sup>”. Estas preocupações se aglutinam quando os mesmos se

<sup>1</sup> Professora Assistente do colegiado de História UNEB/ Campus X, Mestre em História Regional e Local UNEB/Campus V, E-mail: [priumani@yahoo.com.br](mailto:priumani@yahoo.com.br)

<sup>2</sup> Narrativas presentes durante a disciplina de “Cultura Documental e Patrimonial”, onde provoço interrogações sobre a

deparam com a pesquisa monográfica e a busca incessante por documentos e uma luta por acesso aos acervos públicos e privados. Alguns até mesmo afirmaram a impossibilidade de escrever histórias sobre a citada cidade, baseando-se na ausência de uma documentação escrita palpável e organizada.

Liliane Gomes, também docente da UNEB/campus X, reitera a dificuldade de acesso às fontes documentais escritas nas cidades do extremo sul da Bahia, devido à falta de comprometimento, o manuseio inadequado, a conservação indevida e a apropriação de documentos públicos pelo privado. No entanto, a autora confirma a possibilidade de pesquisa tanto com fontes escritas, quanto orais, pois apresenta textos acadêmicos de seus orientandos que expressa o esforço do fazer historiográfico e a busca incessante das fontes que possibilitaram suas pesquisas (2011).

A partir da crescente produção historiográfica do curso de História<sup>3</sup> observamos as múltiplas possibilidades de abordagens, temáticas, fontes e escrita da história teixeirense. Este material nos faz atentar não só para a existência de uma história da cidade, mas para a possibilidade de várias histórias, ou como diria Yara Khoury “outras histórias, outras memórias” (2000). Susana Ferreira em seu estudo monográfico problematiza a memória oficial proferida pelo Jornal Alerta quanto à fundação da cidade de Teixeira e os sujeitos responsáveis pelo seu desenvolvimento (2010). Enquanto a imprensa afirma o progresso advindo pela chegada das madeiras na região, Ferreira nos convida a passear pelas histórias e memórias das famílias negras “pioneiras” que formaram um pequeno comércio entre as cidades de Caravelas e Alcobaça dando início a um povoado, que seria conhecido como “Comércio de Pretos” e mais tarde dali nasceria Teixeira de Freitas (2010, p. 38).

Ferreira ainda nos indica possíveis caminhos para entendermos a origem destas famílias, como descendentes de escravos e/ou libertos da Colônia Leopoldina, hoje distrito de Helvécia, pois muitas memórias os identificam como “colonheiro” (2010, p. 38). A colônia Leopoldina foi fundada durante o século XIX<sup>4</sup> na Vila Viçosa, principalmente por suíços, alemães e franceses que habitaram cinco sesmarias doadas pelo governo da província (CARMO, 2010, p. 22). Segundo Alane Carmo a mão de obra da colônia era formada por “escravos, africanos e crioulos” que trabalhavam sobretudo no plantio e colheita do café (2010, p. 31). Hoje Helvécia, antiga colônia

---

história local e os patrimônios regionais.

<sup>3</sup> O material monográfico se encontra no Laboratório de História, no campus X da UNEB.

<sup>4</sup> A colônia fez parte de um projeto de colonização para povoamento, pois as terras ao sul da província da Bahia ainda eram vistas como pouco povoadas e/ou exploradas, MOREIRA, Uerisleda Alencar (2014).



Leopoldina, é reconhecida como remanescente quilombola<sup>5</sup>.

A crescente produção historiográfica sobre Teixeira, como também do passado colonial e imperial das antigas vilas de Alcobaça, Caravelas<sup>6</sup> e Nova Viçosa<sup>7</sup> veem abrindo possibilidades de estudo sobre grupos silenciados por uma memória oficial, como os negros, os indígenas, e as mulheres<sup>8</sup>.

Peter Burke problematiza a construção de uma memória oficial, a qual ele denomina de “memória social”, através da análise dos “modos de transmissão de memórias públicas” (2000, p. 73). Segundo o autor entre os modos de se transmitir uma memória estão os meios de comunicação, que podem “enquadrar” uma determinada memória até esta se transformar em um “mito” (BURKE, 2000, p. 78). Aqui entendemos o mito como: “(...) uma história com um significado simbólico que envolve personagens em tamanho maior que o natural, sejam elas heróis ou vilões. Essas histórias são em geral criadas a partir de uma sequência de incidentes estereotipados (...)” (BURKE, 2000, p. 78).

Com a contribuição da citação acima podemos questionar a existência de uma memória social em Teixeira de Freitas que através da imprensa local pode ter enquadrado a história regional em um mito de progresso advindo da chegada das madeireiras e dos seus respectivos “bem feitores”, os migrantes capixabas e mineiros. A ideia que a cidade é formada pelas culturas capixabas e mineiras, faz com que muitos omitam as histórias dos sujeitos que já habitavam a região quando da chegada destes migrantes no século XX.

Gomes (2015, p.6) analisa estes silenciamentos problematizando os “símbolos do progresso” que para a autora estão presentes nas construções de rodovias e estradas, a exemplo da BR 101, na década de 1970. Estes símbolos estão relacionados ao discurso da imprensa local, mas também ao contexto do século XX da busca pela modernidade que alterou o cotidiano das cidades do interior da Bahia<sup>9</sup>, estes “significados simbólicos” (BURKE, 2000, p.78) aumentaram a importância das denominadas “famílias tradicionais fundadoras” (GOMES, 2015, p. 5), esboçando

<sup>5</sup> Para mais informações sobre Helvécia, verificar a dissertação: GOMES, Liliane Maria Fernandes (2009).

<sup>6</sup> Ver MIRANDA, Madson (2014).

<sup>7</sup> Ver SANTOS, Amiraci Bernardo; BALDASSINI, Yara Trindade (2015).

<sup>8</sup> Aqui faço referência ao grupo de estudo da UNEB, Teixeira de Freitas, intitulado “Mulheres e memórias: cotidiano e espaços sociais”, coordenado pela professora Ediane Lopes.

<sup>9</sup> Ver alguns estudos: SOUSA, Erahsto Felício de. (2010); CARVALHO, Philipe Murillo Santana (2009); OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. (2009).



inclusive o mito de origem<sup>10</sup> de Teixeira de Freitas.

Na contramão deste mito de progresso e deste silenciamento foi iniciado o projeto de pesquisa e extensão “Patrimônio, Cidade e Memória: história e cultura em Teixeira de Freitas, Ba” no ano de 2013. O projeto sob a minha coordenação vem discutindo conceitos de patrimônio sob a perspectiva da historiografia sobre cidade e memória, junto aos discentes do curso de História que passaram pelos componentes curriculares “Cultura Documental e Patrimonial I e II”. Inicialmente o projeto foi pensado como extensão no intuito de constituir museus itinerantes sobre a história da cidade, no entanto logo foi constatada a necessidade da elaboração de uma pesquisa para levantar memórias e histórias dos sujeitos silenciados pela memória oficial.

No mesmo ano de 2013 demos o ponta pé inicial da pesquisa junto a turma de História X, onde os discentes elaboraram portfólios com os resultados das pesquisas. Sobre estas algo nos chamou bastante atenção, foi o fato de muitas pessoas não considerarem a existência de patrimônios na cidade. O resultado foi obtido pelas discentes Amanda Sena, Jamyle Farias e Vanessa Souza que fizeram questionários com pessoas transeuntes na praça dos Leões, centro da cidade, e discentes da UNEB<sup>11</sup>. Segundo as discentes muitas pessoas não souberam dizer o que seria patrimônio, algumas que responderam a este questionamento apontaram os patrimônios arquitetônicos de Roma e do Egito, que são reconhecidos pela UNESCO, como patrimônios da humanidade. Até mesmo os estudantes da UNEB não perceberam, em sua maioria, a existência de patrimônios na cidade de Teixeira de Freitas<sup>12</sup>.

A partir deste diagnóstico o projeto vem buscando pesquisar os patrimônios regionais e sua relação com os sujeitos cidadãos. Interessa-nos “um aprofundamento de uma história cultural do urbano, onde se cruzem os dados objetivos — obras, traços, sinais ou "cacos" (...) sob a forma de imagens ou discursos, com as possibilidades de leitura que a cidade oferece” (PESAVENTO, 1995, p. 284). Para isso Sandra Pesavento afirma devemos ir “muito além do espaço”, caminhando pelo simbólico, percebendo o imaginário, as sensibilidades, que encontramos nas ruas e nos cantos da cidade (1995, p. 284).

A cidade aqui é apresentada como portadora de significados e memórias (PESAVENTO, 2007, p. 15) ultrapassando o seu aspecto funcional para atribuir uma marca, uma expressão, uma

<sup>10</sup> Aqui trago as contribuições de BURKE, Peter, 2000.

<sup>11</sup> As discentes desenvolveram uma pesquisa sobre a Igreja São Pedro, a primeira Igreja Católica da cidade, localizada na praça dos Leões.

<sup>12</sup> Ibidem.



assinatura, configurando uma cartografia das relações sociais (RONILK, 1992, p. 28). A urbe é um campo de diversas disputas políticas e econômicas, mas nos interessa investigar as disputas espaciais, simbólicas, culturais, identitárias e acima de tudo a disputa pela memória, pois “são comuns os conflitos para determinar quais datas e acontecimentos vão ser gravados na memória de um povo” (POLLACK, 1992, p. 204). Estes conflitos refletem também “tensões para a posse de bens culturais” (BRITES; PEREIRA, 2010, p. 342), inerentes ao cotidiano citadino e as vivências dos sujeitos que atribuem distintos significados ao seu patrimônio documental e cultural.

## OS PATRIMÔNIOS E A RESSONÂNCIA

O conceito de patrimônio adotado por este artigo é alargado pela noção da imaterialidade, entendendo que os bens patrimoniais vão além da sua materialidade, desta forma Olgário Vogt contribui:

Entende-se por patrimônio cultural o conjunto de todos os bens materiais ou imateriais, que, pelo seu valor intrínseco, são considerados de interesse e de relevância para a permanência e a identificação da cultura da humanidade, de uma nação, de um grupo étnico ou de um grupo social específico (VOGT, 2008, p. 14)

Como afirma o autor acima, os bens patrimoniais são considerados a partir da sua relevância, seja ela significada pela humanidade, ou por um grupo específico, que pode ser de um bairro, uma associação, uma escola, uma cidade ou comunidade. Entendendo este primeiro ponto, passamos a perceber não só a existência de patrimônios em Teixeira de Freitas e em cidades circunvizinhas, como também a relevância que cada um tem para o grupo em que está inserido.

José Gonçalves ressalta a importância dos sujeitos reconhecerem seus patrimônios, o que ele denomina de “ressonância”, para o autor “os objetos que compõem um patrimônio precisam encontrar ‘ressonância’ junto a seu público” (2005, p. 19). Desta forma, não basta o estado, o poder público, ou agências financiadoras determinarem quais serão os patrimônios de uma nação, cidade ou grupo, é necessário que os sujeitos que convivem diariamente com estes patrimônios se identifiquem com os mesmos (GONÇALVES, 2005, p. 19).

Partindo destas discussões os discentes do curso de História da turma X, no ano de 2013, foram divididos em grupos para realizarem pesquisas sobre algum patrimônio da cidade e/ou da região, a escolha era livre. Os discentes escolheram os seguintes patrimônios: A Igreja São Pedro, a



Paróquia São José Operário, a Rodoviária Velha, o Chafariz do bairro São Lourenço, todos localizados na cidade de Teixeira, e a festa de São Pedro na cidade de Prado.

Os dois grupos que escolheram as igrejas católicas embora terem buscado criticidade ao analisar os percursos históricos da materialidade e imaterialidade dos bens, ainda ficaram presos na noção material do patrimônio, bem como nos usos de poder em que muitos bens patrimoniais foram forjados na sociedade brasileira. Aqui trato dos primeiros bens patrimoniais a serem reconhecidos como tais no Brasil, por pertencerem ao arcabouço arquitetônico legado pela Igreja Católica durante o período colonial (FUNARI, 2001, p. 24).

As pesquisas sobre a Rodoviária Velha<sup>13</sup> e o Chafariz do bairro São Lourenço transcenderam a materialidade dos patrimônios e buscaram captar o cotidiano dos espaços, e sua relação com os sujeitos que ali teceram suas vidas. Os discentes através da metodologia da história oral analisaram as memórias dos sujeitos envolvidos nos patrimônios em questão. Na rodoviária velha encontramos lojas e vendedores ambulantes que buscam naquele espaço a garantia da sua sobrevivência, mas também sujeitos que mesmo aposentados ainda frequentam o terminal com o intuito de bater papo, rever os amigos e dar contínuo aos laços de sociabilidade estabelecidos ao longo dos anos<sup>14</sup>.

O chafariz do bairro São Lourenço foi inaugurado em 1988, quando a cidade ainda não contava com o abastecimento regular de água. Mesmo hoje com uma realidade diferente o chafariz ainda funciona, e contribui com os moradores quando há falta de água na cidade. No entanto, ao longo destes anos ele foi ganhando outras funcionalidades, como uma horta plantada pelos moradores, e também bancos em sua frente para aqueles que queiram aproveitar a brisa das árvores e conversar com vizinhos e amigos<sup>15</sup>. Talvez se questionássemos os moradores do bairro São Lourenço sobre a condição do Chafariz como um patrimônio, muitos não o reconheceriam como tal, no entanto ao narrarem sobre sua importância no cotidiano local e como as vivências e as sociabilidades se desenrolam ali, percebemos que antes de tudo há uma ressonância dos sujeitos que vivenciam aquele espaço.

Os espaços citados acima entrelaçam memória e identidade, entendemos ambas as

<sup>13</sup> Hoje terminal urbano com ônibus intermunicipal, mas que durante a década de 1980 funcionou como rodoviária, onde chegava e saía ônibus interestaduais.

<sup>14</sup> As informações estão no portfólio do discente José Sérgio Silva “Descobrimo o patrimônio cultural: a rodoviária velha”, elaborado em novembro de 2013.

<sup>15</sup> Pesquisa elaborada pelos discentes Danilo Patez, Janiele Santos, Júnio Gomes e Queila Silva, “A cidade e o chafariz: sociabilidade, patrimônio e preservação cultural”.



categorias de análise como intrínsecas, pois assim enfatiza Michel Pollack “a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade (...) na medida em que ela é um fator importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (1992, p. 204). Utilizamos o conceito de memória como “vida, sempre carregada por grupos vivos e, (...) aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, (...) vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (NORA, 1993: 9).

Pierre Nora em seu célebre texto sobre a “problemática dos lugares” crítica o nosso mundo moderno e a transformação crescente entre “memória espontânea” para a história. Em um mundo onde as informações circulam cada vez mais rápidas, as sociabilidades estabelecidas são temporárias, onde os ensinamentos dos mais velhos se perdem nos vãos das lembranças e as tradições são descartadas, há uma necessidade de se criar “lugares de memória” (1993). Também Stuart Hall analisa esse mundo “pós-moderno”, segundo o qual há uma “crise de identidade”, com as inúmeras identidades atribuídas e construídas pelos indivíduos, não há mais uma única identidade centrada, mais múltiplas identidades descentradas nos sujeitos contemporâneos (2006).

Na contramão deste mundo “pós-moderno” encontramos na cidade de Teixeira de Freitas “a emergência de novos sujeitos disputando lugares, reivindicando direitos, realimentando costumes, tradições e crenças, modos de trabalhar e viver, (...) firmando presenças, numa relação de forças ainda bastante desigual” (KHOURY, 2000, p. 116). São estes sujeitos que através das suas trajetórias, vivências e memórias escreveram e ainda escrevem a história de Teixeira ao longo do tempo.

Buscamos neste sentido reconstituir uma história da “cultura popular” destes sujeitos cidadãos, entendendo que a “cultura popular” não deve ser analisada em separado, mas nos embates, nos conflitos com a própria cultura dominante (CHARTIER, 1995, p. 191).

Desta forma, algumas atividades acerca dos patrimônios regionais veem discutindo questões identitárias na região do extremo sul da Bahia, entendendo este processo de múltiplas identidades, mas também buscando o reconhecimento da “cultura popular”. Foram pesquisas desenvolvidas pela disciplina Cultura Documental e Patrimonial I e II, entre elas atividades interdisciplinares. Como a “I Exposição: Patrimônio, Cidade e Memória” realizada no ano de 2013 com a disciplina de “Epistemologia e Didática” ministrada pelo professor Joelson Pereira. Envolvendo as turmas de História V e X, os discentes apresentaram resultados de pesquisas, entre estas discutiram “As transformações identitárias na Festa de Mouros e Cristãos em Nova Viçosa



entre os anos de 1990-2010<sup>16</sup>”, a “Praça Castro Alves: as transformações das sociabilidades<sup>17</sup>”, “Modernidade e Cotidiano: feira do centro de abastecimento municipal<sup>18</sup>”, e a “Festa do Mastro de São Sebastião em Cumuruxatiba- BA<sup>19</sup>”.

Diante a tantos questionamentos sobre uma história, memória ou identidade da cidade de Teixeira de Freitas encontramos não uma única história, mas muitas histórias e memórias que vem sendo desbravadas pelos docentes e discentes do curso de História da UNEB, campus X. Estes questionamentos também colocam em cheque o mito de um progresso advindo dos migrantes capixabas e mineiros com suas madeiras.

Neste emaranhado de problemáticas surgiu o projeto de pesquisa e extensão “Patrimônio, Cidade e Memória: história e cultura em Teixeira de Freitas” que vem desde 2013 tentando reconstituir trajetórias de sujeitos comuns e das lutas diárias, especialmente através das suas memórias, analisadas sob a perspectiva da metodologia da história oral. O projeto vem desenvolvendo pesquisas junto aos discentes do curso de História e assim possibilitando uma interlocução com patrimônios materiais e imateriais da cidade e de localidades circunvizinhas, patrimônios que muitas vezes de forma apressada são negados pela população teixeirense, mas quando vistos de perto trazem toda sua relevância na ressonância que os sujeitos envolvidos emitem.

**Documentos consultados:** Portfólios, folders, projetos e vídeos produzidos por discentes do Colegiado de História, UNEB, campus Teixeira de Freitas.

---

<sup>16</sup> Trabalho apresentado pelos discentes Amiraci Bernardo, Francisco Júnior, Iara Baldassini, Ramom Moreira, Ronilson Santos, William Lopes.

<sup>17</sup> Pesquisa desenvolvida pelos discentes Cleiton Barbosa, Wemerson Mendes e William Evangelista.

<sup>18</sup> Trabalho desenvolvido pelos discentes Jenifer Uiara, Jéssica Silva, Mirla Keille e Sirley Lúcio.

<sup>19</sup> Discentes: Daiane Felix, Janusa Neres, Lorrana Soares, Ulisses Santos, Tamires Pereira.



## REFERÊNCIAS

- BRITES, Olga; PEREIRA, Mirna Busse. Oficina de História: ensino, memória e patrimônio histórico. **Projeto História: Patrimônio cultural**, nº40, 2010, p. 333-356.
- BURKE, Peter. História como memória social. In: \_\_\_\_\_. **Variiedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 68-89.
- CARMO, Alane Fraga do Carmo. **Colonização e Escravidão na Bahia: a colônia Leopoldina (1850-1888)**. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós Graduação em História. Salvador: UFBA, 2010.
- CARVALHO, Philipe Murillo Santana. **Uma cidade em disputa: tensões e conflitos urbanos em Itabuna (1930-1948)**. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós- Graduação em História Regional e Local). Santo Antonio de Jesus: UNEB, 2009.
- CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.
- FERREIRA, Suzana Teodoro. **A vida privada de negros pioneiros no povoamento de Teixeira de Freitas na década de 1960**. Monografia. (Graduação em História) Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Educação, Teixeira de Freitas –BA, 2010.
- FUNARI, Paulo Pedro A. Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil. **Trabalhos de Antropologia e Etnologia**, Porto 41, 2001, p. 23-32.
- GOMES, Liliane Maria Fernandes Cordeiro. **Helvécia: homens, mulheres e eucaliptos (1980-2005)**. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local). Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2009.
- \_\_\_\_\_. Cidades do extremo sul baiano: questões abertas, um espaço de pesquisa e possibilidades. In: **Anais do XXII Ciclo de Estudo Históricos – História e diversidade: reflexões sobre a obra de Jorge Amado**, nov. 2011, Ilhéus, Bahia. Disponível em: <https://docs.google.com/file/d/0B1oebU5oAsqNaW9IaHNTalpCa3M/edit?pli=1>. Acesso em 25 de nov. de 2012.
- \_\_\_\_\_. Teixeira de Freitas – Ditos e Não Ditos: Uma cidade em disputa de memórias. In: **Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História: lugares dos historiadores, velhos e novos desafios**, jul. 2015, Florianópolis, Santa Catarina. Disponível em : [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439506786\\_ARQUIVO\\_TeixeiradeFreitas-](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439506786_ARQUIVO_TeixeiradeFreitas-)



DitoseNaoDitos.pdf. Acesso em 30 de agosto de 2016.

GONÇALVES, Bruna Almeida Ramos; RIBEIRO, Valdicéia Silva. **Teixeira de Freitas-BA: uma abordagem a partir da festa de emancipação política da cidade (1986-2010)**. Monografia (Graduação em História). Teixeira de Freitas: UNEB, 2012.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: As culturas como patrimônios. *In: Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15-36, jan/jun 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KHOURY, Yara Aun. **Muitas memórias e outras histórias: cultura e o sujeito na história**. In: \_\_\_\_\_; FENELON, Déa Ribeiro; MACIEL, Laura Antunes; ALMEIDA, Paulo Roberto. *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'água, 2000, p. 116-138.

MIRANDA, Madson Paranaguá. **O “peixe real” e a sua sentença de morte: a pesca de baleias na Vila de Caravelas (1750-1801)**. Monografia. (Graduação em História), Departamento de Educação, UNEB, Teixeira de Freitas, 2014.

MOREIRA, Uerisleda Alencar. **Laços afetivos e familiares: relações parentais legitimadas nos ritos católicos em Caravelas, BA, entre 1840-1860**. Dissertação (Mestrado em História em História Social). UNEB. Santo Antônio de Jesus, 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, dez. 1993, p.7-28.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Mais que “Princesa do Sertão”; o “Celeiro do progresso”: Feira de Santana e a consolidação da identidade de cidade comercial em meados do século XX. In: \_\_\_\_\_. **Capítulos de História da Bahia: Novos enfoques, novas abordagens**. São Paulo: Annablume, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.8, n.16, 1995, p. 279-290.

\_\_\_\_\_. Cidades visíveis, cidades sensíveis e cidade imaginárias. In: **Revista Brasileira de História: Cidades**. São Paulo: ANPUH, vol.27, nº53, jan.jun., 2007, p.11-23.

POLLACK, Michael. Memória e Identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n.10, 1992, p. 200-212.

ROLNIK, Raquel. História urbana: história na cidade? In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio<sup>a</sup> de Figueiras (Orgs.). **Cidade & História: modernização das cidades brasileiras nos**



séculos XIX e XX. Salvador, UFBA, 1992.

SANTOS, Amiraci Bernardo dos Santos, BALDASSINI, Iara Trindade. **Memórias da festa dos Mouros e Cristãos em Nova Viçosa, Bahia, (2000-2013):** permanências e mudanças. Monografia (Graduação em História), Departamento de Educação, Teixeira de Freitas, UNEB, 2015.

SOUSA, Erahsto Felício de. **Subalternos nos caminhos da modernidade:** marginais, politização do cotidiano e ameaças à dominação numa sociedade subordinadora do sul da Bahia (Itabuna, década de 1950). Dissertação (Mestrado em História Social), Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2010.

VOGT, Olgário Paulo. Patrimônio cultural: um conceito em construção. In: **Métis: história & cultura**. Vol. 7, n.13, p. 13-31, jan/jun, 2009.